

VERDADES, MENTIRAS E DESINFORMAÇÃO.

“A ficção me permite elevar o real à altura do meu abismo”, cartoon de Xavier Gorce.

La fiction me permet  
d'élever le réel à la hauteur  
de mon abîme.



*“Então o homem, flagelado e rebelde, corria deante da fatalidade das cousas, atrás de uma figura nebulosa e esquiva, feita de retalhos, um retalho de impalpável, outro de improvável, outro de invisível, cosidos todos a ponto precário, com a agulha da imaginação; e essa figura, -- nada menos que a quimera da felicidade,-- ou lhe fugia perpetuamente, ou deixava-se apanhar pela fralda, e o*

*homem a cingia ao peito, e então ela ria, como um escárneo, e sumia-se, como uma ilusão” (Machado de Assis, em Memórias de Brás Cubas, no capítulo do delírio) .<sup>1</sup>*

Uma anedota para introduzir nossa conversa. Foi-me contada pelo professor Emmanuel Carneiro Leão e reproduzida pelo professor Muniz Sodré em recente artigo<sup>2</sup> na Folha de SP.

A propósito da crença em ficções, vale contar que o físico alemão Werner Heisenberg, visitando o interior da Noruega na companhia do colega Niels Bohr, perguntou a um camponês se ele acreditava que a ferradura pregada na porta da sua casa lhe traria sorte. A resposta: "Acreditar, não, mas ela está aí porque dá sorte".

A fabulação que a anedota dos físicos coloca em questão se diferencia da onda de mentiras sustentadas pelas fake News no espaço público nacional. Conclui Muniz Sodré em seu artigo: *“Ninguém ignora que o fake nos discursos sociais induz órgãos oficiais e nichos de povo a ações perversas. Mas o problema não se limita à disseminação de inverdades, antes sinaliza para o fenômeno inquietante do acolhimento coletivo a mentiras”*.

Por mais inevitáveis que sejam as tensões entre Eros e Thanatos, jamais nos esqueçamos que devemos privilegiar a Eros. Questão de sobrevivência!

A questão que nos toca diz respeito a retomar a questão da verdade do ponto de vista de Eros, opondo-nos às visadas de Thanatos, sempre igualmente presentes. A oposição que nos interessará em nossa discussão não será aquela entre verdade e mentira, mas da mentira a serviço da desinformação, ou seja, para opor mentira e desinformação e deste modo enfatizar o quê o desejo de desinformar visa e alcança.

---

<sup>1</sup> *"Entonces el hombre, azotado y rebelde, corrió ante la fatalidad de las cosas, tras una figura nebulosa y esquiva, hecha de colgajos, un colgajo de lo impalpable, otro de lo improbable, otro de lo invisible, cosidos en puntadas precarias, con la aguja de la imaginación; y aquella figura, --nada menos que la quimera de la felicidad--, o bien huía perpetuamente de él, o bien quedaba atrapada en su pañal, y el hombre la ceñía a su pecho, y entonces reía, como una burla, y se desvanecía, como una ilusión". (Machado de Assis, em Memórias de Brás Cubas, en el capítulo sobre el delirio).*

<sup>2</sup> Ferradura, modo de usar, em 09/01/2022.

No limiar entre o individual e o coletivo, os comportamentos, as representações dos atos, agem como uma forma de conhecimento prático, orientando o entendimento do mundo e sua comunicação. São formas de ordenamento das experiências individuais e do mundo. Em suas singularidades, encarnam e representam o “espírito do tempo” presente em tudo o que fazemos e não fazemos, no que somos e no que não somos, muitas vezes sem que sequer o saibamos. Este agir é constitutivo de um “comum” (as aspas servem para destacar o sentido de comunidade), isto é, atos, percepções, sentir- com, estar-com, o pensar e conhecer se empenham na direção do encontro com o si mesmo e com o outro, constituindo o conjunto de valores entranhados em nosso tempo.

O professor Muniz Sodré, em seu mais recente livro *“A sociedade Incivil”*<sup>3</sup>, afirma que *“o encontro com o “comum” é o centro aglutinador da instituição”*, não apenas das instituições, mas do que institui o conjunto de valores que nos submetem a pensar como pensamos, a sermos como somos. *“Não se trata de nenhuma essência da vida social, mas de uma convergência de ações que institui um sentido de coletividade e pertencimento”*. (Pág. 103). Trata-se de uma *“gênese espontânea ou comunitária da instituição, que se desenvolve no âmago orgânico do elemento histórico - instituições, relações de poder, processos de subjetivação”*. (Pág 108) Diferenciando as instituições das organizações, o professor Muniz Sodré insiste que, ao contrário das instituições, *“as organizações se articulam em torno do poder fazer”*, e se definem pela regulação de atividades objetivas e ordinárias visando a produção de bens e serviços, destinadas aos interesses de grupos, e não da coletividade.

E o reconhecimento da necessidade da coletividade, da dependência que temos uns dos outros, do olhar do outro, nos é fundamental. Questão de sobrevivência, eu insisto.

É importante destacar as urgências que nos reúnem a fim de fazer frente às ameaças de isolamento que nos assombram atualmente, provocadas em parte pela pandemia e em parte por aquilo que vem sendo chamado de “decaimento da verdade”, a saber, a vulgarização do conceito de verdade até quase esgotar sua capacidade de estabelecer um solo comum, uma realidade capaz de ser compartilhada na qual todos nos reconhecemos (mesmo que seja para termos discordâncias em torno dela).

Jennifer Kavanagh e Michael D. Rich, estudando o fenômeno da verdade em nosso tempo, nomearam-no como “truth decay”<sup>4</sup>. Decaimento da verdade. Em química, decaimento é o lento processo pelo qual o núcleo instável de um elemento perde energia por radiação. Em biologia, é o igualmente lento

---

<sup>3</sup> Editora Vozes, 2021.

<sup>4</sup> Jennifer Kavanagh e Michael D. Rich, Truth Decay, 2018, Rand Corporation.

apodrecimento de um corpo pela ação de bactérias ou fungos. Nas ciências sociais, decaimento da verdade é quando lentamente uma sociedade deixa de ligar para a verdade, para o consenso a respeito de um conjunto básico de fatos.

Assim, quero compartilhar com todos vocês uma entrevista da filipina Maria Ressa, ganhadora do Nobel da Paz em 2021, publicada no Le Monde em 17/10/2021<sup>5</sup>. Diga-se de passagem, que faz sentido em nosso tempo dois jornalistas tenham ganhado o Nobel da Paz.

- *A senhora afirma que além das ameaças físicas, um dos maiores riscos é o da desinformação...*

- *É a democracia que está ameaçada hoje em dia e, mais ainda, é a própria ideia de verdade que está posta em questão, os fatos. Em toda parte, a tecnologia desorientou o sistema de informação. E eu o repito por tê-lo experimentado. A tecnologia virou tudo de cabeça para baixo. Ela tornou os fatos contestáveis, colocou em questão a realidade que compartilhamos. Entramos na era dos autoritarismos digitais. Alguns chegam ao poder graças a isso, outros consolidam seu domínio com tais ferramentas, as redes sociais, as fake news, seja em minha casa, ou seja com Maduro na Venezuela ou Erdogan na Turquia.*  
(Tradução livre)

Necessitamos ter um certo cuidado com as palavras porque, como nos adverte o poeta brasileiro Carlos Drummond de Andrade, "as palavras são servas de estranha majestade"<sup>6</sup>.

Uma segunda anedota retirada da fábula de La Fontaine, o Galo de Chantecler. Por mais forte que seja seu canto, nosso arrogante galo não será capaz de despertar o sol, da mesma maneira que, por maior que seja a intensidade do fogo, a água somente ferverá aos 100 graus.

Na prática se trata de determinar os limites da força "constatativa" das palavras. Esse termo é familiar a quem distingue uma frase do tipo "o sol nascerá às tantas horas", de outra como "eu prometo despertar o sol". A primeira é uma constatação, pode ser verificada. A segunda é "performativa", ou seja, é preciso confiar

---

<sup>5</sup> - *Vous dites qu'au-delà de ces menaces physiques, un des risques majeurs est celui de la désinformation...*

- *C'est la démocratie qui est menacée aujourd'hui et, au-delà, c'est l'idée même de vérité qui est remise en cause, les faits. Partout, la technologie a débousolé l'écosystème de l'information. Je le répète parce que je l'ai vécu. La technologie a tout mis sens dessus dessous. Elle a rendu les faits contestables, remis en question la réalité que nous partageons. Nous sommes rentrés dans l'ère des autoritarismes numériques. Certains sont arrivés au pouvoir grâce à cela, d'autres y ont consolidé leur mainmise avec ces outils, les réseaux sociaux, les fake news, que ce soit chez moi, ou avec [les présidents Nicolas] Maduro au Venezuela et [Recep Tayyip] Erdogan en Turquie.*

<sup>6</sup> Carlos Drummond de Andrade, A Luis Maurício.

em quem falou para que tenha efeito. O discurso cotidiano das fake News se apoia mais na confiança do falante do que nas diferentes formas de racionalidades. O confronto entre os negacionistas e o discurso científico implica esta dimensão performática. Há que se confiar na força performática do vaidoso galo sem que nada que o anteceda possa atestar o que promete, apenas a afirmação feita por ele mesmo acerca do poder de seu canto. Desacreditam na ciência, desprezam suas pesquisas e teorias para afirmar uma realidade paralela que somente tem a “cara do vaidoso galo”, configurando assim a pretensão de substituir uma realidade pela outra.

Inacreditável que em pleno século XXI tenhamos um contingente de pessoas afirmando que a Terra é plana!

Ao contrário das fake News, o camponês de nossa anedota ao dizer que a ferradura dá sorte está aceitando (mais do que acreditando) a voz de uma tradição, sem qualquer pretensão de anular uma realidade pela outra. Mantém assim a força do paradoxo, da polissemia, da multiplicidade de sentidos que nos constitui. Reafirma assim a complexidade da realidade e o modo com que nos desafia. A força do sentido está no meio vital, no comum, justamente naquilo que falta nas fake News.

Retomamos assim um debate que nos diz respeito há 2500 anos. Platão, em um de seus diálogos, Crátilo, nos leva a considerar se as palavras retiram sua força de convencimento por corresponderem às ideias de onde provém ou se elas retiram sua força de persuasão de quem as pronunciam.

A psicanálise, 2500 anos depois, recupera e dignifica poeticamente o caráter equívoco da palavra, seu ocultamento essencial, trazendo de volta a ambiguidade de onde operam as trocas inter-humanas, logo onde se funda a subjetividade, implicando deste modo a opacidade, a não transparência e assim a possibilidade da mentira e da distorção.

No campo da poesia, onde transita a psicanálise, “as mentidades”, neologismo proposto por Jaime Szpilka<sup>7</sup> nos Diálogos iberolatinoamericanos - reunião de colegas da América Latina e Espanha apresentado no último congresso da APA -, condensação de mentira e verdade, nos descrevem com perfeição, como no paradoxo do diálogo dos físicos com o camponês.

---

<sup>7</sup> Como si para poder ser “verdaderos” debieran también revelarse como “mentirosos”. Esa es la interesante paradoja que me interesa destacar, que no existe una oposición definida entre los términos, sino constantemente una “mentira/verdad”, valga el neologismo una “mentidad”, que tiene efectos patológicos en la vida política y social y en el ámbito individual, cuando el sujeto intenta definir y separar los términos, estableciendo un absolutismo total entre verdad y mentira.

É o estatuto do paradoxo que dá suporte e condições de pensar os conceitos da psicanálise. Ao postular a “ambivalência afetiva originária” e, principalmente, a dualidade do regime das pulsões, Freud marca a radical impossibilidade da identificação do sujeito com a natureza. Não há lugar na teoria das pulsões para uma tal unidade, que as reduza a uma só, guardando a esperança de unidades cada vez maiores e mais complexas, que abranjam e absorvam as diferenças entre pulsões de vida e pulsão de morte, absorvendo e anulando a singularidade de seus efeitos. Cada uma delas empurra, segundo seus imperativos, o sujeito, simultaneamente, para direções opostas.

Na psicanálise, a dicotomia verdade / mentira vê-se deslocada para dar lugar à posição que o sujeito ocupa na relação entre coisa e conhecimento. Verdade é uma produção de sentido que diz da posição do sujeito na cadeia associativa e por isso mesmo, sempre inacabada, incompleta.

Em Palavra e Verdade, o professor Garcia-Roza afirma que: *Apossamo-nos da verdade com a mesma violência que elas se apossam de nós. A verdade não espera docilmente pela nossa inteligência, até porque inteligência e docilidade não habitam o mesmo espaço. Não há inteligência sem violência, assim como a verdade não é o lugar do gozo*<sup>8</sup>.

Mas, mesmo no campo da poesia e das subjetividades, há que se ter um ponto de basta. A exigência de um nó entre o individual e o coletivo, nó sempre misterioso e que por vezes somente se faz precariamente, mas que ainda assim necessário, pois de outro modo cairíamos na sideração dos infinitos sentidos e nos perderíamos uns dos outros.

Sem a garantia que nos dá a religião, a problemática do nó entre o individual e o coletivo me parece central para refletir sobre a questão da verdade e de sua inserção em nosso tempo.

Em 2018, Olga Yurkova, jornalista e fundadora de um site dedicado a combater a desinformação relacionada à Ucrânia, afirmou durante um TED Talk, em Vancouver. — “As pessoas não sabem mais o que é real e o que é falso, e muitos pararam de acreditar em qualquer coisa. E isso é ainda mais perigoso”.

---

<sup>8</sup> Garcia-Roza, Palavra e Verdade. Jorge Zahar.

Decaimento democrático é o que vivemos quando há decaimento da verdade. O decaimento da verdade é do que se aproveitam os governos populistas e autoritários para desmoralizar a verdade, isolando-nos uns dos outros a fim de impor a desinformação, o medo e a insegurança entre nós.

Diante do insuportável do real sempre em excesso, devemos entregar-nos ao prazer da ficção que nos reúne, ficcionalizar o real, única forma suportá-lo e de nos manter unidos. E depois, juntos, poderemos agir.

Rio de Janeiro, 21/01/2022.

Miguel Calmon du Pin e Almeida